

O VERDADEIRO E O FALSO SELF

Ana Laura de Almeida RODRIGUES

Faculdade da Fundação Educacional Araçatuba (FAC-FEA)

analaura.rodrigues@feata.edu.br

Fernanda MARIANO

Faculdade da Fundação Educacional Araçatuba (FAC-FEA)

fermarianoata@gmail.com

Priscila dos Santos BARBOSA

Faculdade da Fundação Educacional Araçatuba (FAC-FEA)

pri.barbosa.psicologia@gmail.com

Rita de Cássia Leite Motooka KOZIMA

Faculdade da Fundação Educacional Araçatuba (FAC-FEA)

ritakozima@hotmail.com

Felipe Mio de CARVALHO

Faculdade da Fundação Educacional Araçatuba (FAC-FEA)

felipecarvalho@feata.edu.br

EIXO: Ciências Humanas, Sociais e da Saúde

RESUMO

Na teoria do amadurecimento de Donald Woods Winnicott, o autor discorre sobre o desenvolvimento psíquico saudável do bebê, apontando a importância da mãe suficientemente boa. Segundo ele, a mãe suficientemente boa atende às demandas do bebê e não às suas próprias intenções de ser muito boa ou perfeita. Ela é aquela que, além de prover as necessidades do bebê para que este se constitua como sujeito, também o frustra e é também falha. E é justamente a somatória dessas falhas, seguida pelo tipo de cuidados que as corrigem, que acabam constituindo o verdadeiro self do indivíduo: a essência espontânea, criativa e autêntica de ser no mundo, manifestadas através de gestos genuínos e do sentir-se real. Porém, se a mãe falha na tarefa de apresentação de objetos e a realidade externa se torna invasiva, o bebê cria uma forma artificial de ser, com o objetivo de se proteger. Surge então o *falso self* que adapta-se às expectativas externas, como se vestisse uma máscara. Inicialmente, essa adaptação protege o verdadeiro *self* de experiências dolorosas, como frustrações e rejeições. Quando não é único recurso contra o sofrimento, o falso *self* pode ser saudável, permitindo lidar com as demandas sociais sem perder sua autenticidade e a espontaneidade. Porém, se predominante, passa a controlar a vida psíquica, gerando sentimentos de vazio, alienação e falsidade e fazendo com que o indivíduo viva apenas para satisfazer os outros. Assim, o falso *self* pode ser tanto uma defesa útil quanto uma condição patológica que encobre ou substitui o verdadeiro *self*. É importante destacar que para a formação do falso *self*, é necessário que a mãe não seja caótica, já que nesta ele não encontra nem mesmo um modelo externo ao qual se adaptar. A mãe do falso *self* então geralmente é aquela que submete o bebê a um padrão que não é aquele pautado no gesto espontâneo dele. É a mãe que possui a rigidez e a tendência ao controle presentes na sua personalidade. É a mãe perfeccionista. Winnicott separa então o falso *self* em um espectro, que vai do polo considerado saudável ao polo extremamente patológico. E assim os define: Falso Self na

Saúde: é uma adaptação social necessária, uma proteção ao verdadeiro *self* sem negá-lo, permitindo um equilíbrio entre a espontaneidade individual e as demandas do mundo externo. Falso *Self* Patológico: neste caso o falso *self* é rígido e domina a personalidade, substituindo completamente o verdadeiro *self*. A pessoa se sente falsa, vazia e vivendo apenas em resposta às expectativas alheias. Isso porque o existir em submissão impede o indivíduo de ser espontâneo e torna o viver meramente reativo. Portanto, os conceitos de verdadeiro e falso *self* de Winnicott constituem uma forma própria de conceber o ser humano, sua constituição psíquica e seu estar no mundo. E a conciliação entre os dois é uma jornada que permanece ao longo da vida de cada um.

Palavras-chave: verdadeiro *self*; falso *self*; Winnicott.